



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE ABAETETUBA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS SOCIAIS
PLANO NACIONAL DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES DA REDE
BÁSICA DE ENSINO-PARFOR
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA

DORALICE DA COSTA PANTOJA

**PARCERIA ESCOLA E FAMÍLIA: A IMPORTÂNCIA DA FAMÍLIA NO PROCESSO
ENSINO-APRENDIZAGEM DA CRIANÇA**

ABAETETUBA/PA
2018

DORALICE DA COSTA PANTOJA

**PARCERIA ESCOLA E FAMÍLIA: A IMPORTÂNCIA DA FAMÍLIA NO PROCESSO
ENSINO-APRENDIZAGEM DA CRIANÇA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
a como requisito obrigatório para Conclusão de
Curso de Graduação em Pedagogia, da
Faculdade de Ciências Sociais, da
Universidade Federal do Pará, Campus de
Abaetetuba.

Orientador: Prof. Alcemir Pantoja Rodrigues.

DORALICE DA COSTA PANTOJA

**PARCERIA ESCOLA E FAMÍLIA: A IMPORTÂNCIA DA FAMÍLIA NO PROCESSO
ENSINO-APRENDIZAGEM DA CRIANÇA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
a como requisito obrigatório para Conclusão de
Curso de Graduação em Pedagogia, da
Faculdade de Ciências Sociais, da
Universidade Federal do Pará, Campus de
Abaetetuba.

Orientador: Prof. Alcemir Rodrigues Pantoja.

Data da aprovação: 08/05/2018

Conceito: Excelente

Banca Examinadora

Prof. Alcemir Pantoja Rodrigues
Orientador

Profª Maria Gizele Sousa de Oliveira
Membro Examinador

Profª Rosilene Santos Bastos Quadros
Membro Examinador

À minha família, meus pais, esposo e filhos.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus por ter me abençoado e me protegido durante este período acadêmico;

Aos meus pais que sempre me apoiaram e incentivaram em meus estudos, desde o ensino fundamental até o superior;

Ao meu esposo, Lucivaldo, que entendeu minha ausência no lar durante o período acadêmico e que também foi meu porto seguro, amigo, confidente e companheiro ao longo do curso;

Aos meus filhos, Dedivaldo, Isaias e Daiane que compreenderam, me ajudaram e cuidaram de tudo em casa na minha ausência;

Em especial, à minha filha Daiane, que foi meu suporte e auxílio na produção de meu trabalho para chegar com êxito ao final do curso;

Ao Plano Nacional de Formação Docente – PARFOR, que me proporcionou realizar meu sonho de ingressar em uma Universidade e cursar uma graduação;

Ao meu orientador, Prof. Alcemir Rodrigues Pantoja, pela paciência e incentivo durante a elaboração deste TCC;

Aos professores do curso que contribuíram de forma significativa para minha formação;

E, finalmente, agradeço a todos os meus familiares que de alguma forma me apoiaram, incentivaram e compreenderam durante todo o período de formação.

Ao brincar, a criança assume papéis e aceita as regras próprias da brincadeira, executando, imaginariamente, tarefas para as quais ainda não está apta ou não sente como agradáveis na realidade.

Lev Vygotsky

RESUMO

A relação entre a escola e a família dos alunos ainda possui muitos mitos. Ocorre muitas vezes a oposição de ideias, mesmo que ambas tenham um objetivo em comum: o pleno desenvolvimento das crianças. A pesquisa foi realizada na Escola Municipal de Educação Infantil São João, no município de Abaetetuba/Pará. Assim, o presente trabalho tem como objetivo compreender a importância da relação entre a família e a escola para que a criança tenha um pleno desenvolvimento no processo de aprendizagem visando uma educação efetiva. Para o embasamento teórico, utilizaremos alguns autores como Goldemberg, Triviños, Giddens, o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), em especial, as teorias de Vygotsky e Piaget, para melhor compreender a discussão referente ao tema do trabalho. Os sujeitos participativos desta pesquisa foram os professores, pais de alunos, alunos e coordenação pedagógica. Para tanto, este trabalho está organizado em três partes, a primeira versa a respeito dos conceitos de aprendizagem, abordando os estudos de Piaget e Vygotsky, bem como as funções que a escola e a família representam no processo de aprendizagem. Na segunda parte aborda a importância da família na formação da criança, enfatizando o processo de participação da família na escola, ressaltando a importância do conselho escolar como mediador na relação entre família e escola. A terceira parte encarrega-se da pesquisa, aplicação de procedimentos para a coleta de dados, análise dos dados e resultados obtidos. Essa pesquisa nos levou a concluir que na dinamicidade das práticas escolares, os docentes são agentes históricos, profissionais com uma grande responsabilidade social, que devem constantemente estar em busca de formação continuada, como verdadeiros pesquisadores e estudiosos, o que deverá contribuir para fortalecer a participação da família no processo educacional dos alunos.

Palavras-chave: Escola; família; ensino-aprendizagem; criança.

ABSTRACT

The relationship between the school and the student's family still has many myths. There is often opposition to ideas, even if both have a common goal: the full development of children. The research was carried out at the Municipal School of Infantile Education São João, in the municipality of Abaetetuba / Pará. Thus, the present work aims to understand the importance of the relationship between the family and the school so that the child has a full development in the learning process aiming at an effective education. For the theoretical basis, we will use some authors such as Goldemberg, Triviños, Giddens, the Statute of the Child and the Adolescent (ECA), in particular, the theories of Vygotsky and Piaget, to better understand the discussion concerning the theme of the work. The subjects participating in this research were teachers, parents of students, students and pedagogical coordination. To do so, this work is organized in three parts, the first one regarding the concepts of learning, addressing the studies of Piaget and Vygotsky, as well as the functions that the school and the family represent in the learning process. The second part discusses the importance of the family in the formation of the child, emphasizing the process of family participation in school, emphasizing the importance of the school council as a mediator in the relationship between family and school. The third part is in charge of research, application of procedures for data collection, analysis of data and results obtained. This research led us to conclude that in the dynamism of school practices, teachers are historical agents, professionals with a great social responsibility, who must constantly be in search of continuous formation, as real researchers and scholars, which should contribute to strengthen participation of the family in the educational process of the students.

Key-words: School; family; teaching-learning; child.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	09
1 CONCEITO DE APRENDIZAGEM	12
1.1 ESTUDOS DE PIAGET E VYGOTSKY SOBRE A APRENDIZAGEM	13
1.2 ESCOLA E FAMÍLIA NA APRENDIZAGEM: FUNÇÕES DISTINTAS	17
2 A IMPORTÂNCIA DA FAMÍLIA NA FORMAÇÃO DA CRIANÇA	20
2.1 O PROCESSO DE PARTICIPAÇÃO DA FAMÍLIA NA ESCOLA	21
2.2 A IMPORTÂNCIA DO CONSELHO ESCOLAR COMO MEDIADOR NA RELAÇÃO ENTRE FAMÍLIA E ESCOLA	24
3 A PESQUISA EM FOCO	28
3.1 APLICAÇÃO DO QUESTIONÁRIO AOS SUJEITOS	29
3.2 ANÁLISE DOS DADOS COLETADOS NA ESCOLA	29
3.3 DISCUSSÕES E ANÁLISES DOS RESULTADOS	30
CONSIDERAÇÕES FINAIS	36
REFERÊNCIAS	38
APÊNDICE	41

INTRODUÇÃO

A sociedade é formada pelos seres humanos que vivem e compartilham diariamente os mesmos espaços, seja no trabalho, na escola, e outros lugares. Assim, desde bem pequenas, as crianças começam a desenvolver seu processo de aprendizagem a partir do contato com os adultos e até mesmo outras crianças, estimulando suas habilidades e assegurando um desenvolvimento integral como, por exemplo, a fala, os movimentos, a percepção, entre outros. Knobel (1992) ratifica tal ideia complementando que:

A família é um grupo primário e natural da sociedade, nos quais o ser humano vive e consegue se desenvolver. Na interação familiar, que é prévia e social (porém determinada pelo meio ambiente) configura-se bem precocemente a personalidade determinando-se aí as características sociais, éticas, morais e cívicas dos integrantes da comunidade adulta (KNOBEL, 1992, p. 19).

Partilhando da mesma opinião, Giddens (2005, p. 151) destaca que *“esta família pode ser entendida como grupo de pessoas diretamente unidas por conexões parentais, cujos membros adultos assumem a responsabilidade pelo cuidado”*. É fato que quando a criança passa a frequentar a escola, é de fundamental importância o apoio e o empenho de seus familiares, pois isto pode auxiliar no seu desenvolvimento e no processo de ensino e aprendizagem na caminhada pela construção do seu conhecimento.

A relação entre a escola e a família dos alunos ainda possui muitos mitos. Ocorre muitas vezes a oposição de ideias, mesmo que ambas tenham um objetivo em comum: o pleno desenvolvimento das crianças. Esse descompasso pode ser causado pela ausência ou falha na comunicação entre as partes envolvidas, por não ser diferenciado os papéis de cada um durante o processo educacional, podendo levar ao conflito.

A escola, depois da família, é o espaço primeiro e fundamental para o processo de socialização da criança. Alguns pais ainda não se conscientizaram da importância do apoio deles junto à instituição escolar de seus filhos, como também escolas que não incentivam essa parceria dos familiares na instituição. Parolin (2003) nos lembra que os objetivos da escola e famílias são os mesmos, preparar a criança para o mundo. Esse autor enfatiza a importância da participação da família no processo educativo.

Segundo Davis (1989, p. 37). "o envolvimento dos pais proporciona benefícios a vários níveis: às crianças, aos pais, às escolas e, generalizando, infere melhorias na sociedade democrática". Nesse sentido, essa interação assume algumas funções, destacando-se: demonstração de amizade, passando confiança e coragem pra criança; pais cooperantes no processo de ensino-aprendizagem; tomada de conhecimento dos pais sobre o desenvolvimento da criança e obtenção de informações do ambiente da casa e da rotina diária da criança.

Cury (2003, p.54) destaca a importância do trabalho a ser realizado pela escola de forma conjunta com as famílias, quando afirma: "Pais e professores são parceiros na fantástica empreitada da educação". O autor também salienta a questão de os pais nunca desistirem de seus filhos assim como os professores nunca devem desistir de seus alunos, bem como, a escola deve aproximar-se a cada dia mais das famílias de seus alunos e formar com elas um trabalho de parceria.

O presente trabalho tem como objetivo compreender a importância da relação entre a família e a escola para que a criança tenha um pleno desenvolvimento no processo de aprendizagem visando uma educação efetiva. Para alcançar o objetivo proposto, serão traçados alguns objetivos específicos: verificar se escola propõe atividades socioeducativas que incluam a participação dos pais; observar se a participação dos pais nos projetos escolares acontece de fato; analisar se o resultado das atividades realmente aproximam os pais à educação dos alunos.

Para o embasamento teórico, utilizaremos alguns autores como Goldemberg, Triviños, Giddens, o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), em especial, as teorias de Vygotsky e Piaget, para melhor compreender a discussão referente ao tema do trabalho.

Os sujeitos participativos desta pesquisa foram os professores, pais de alunos, alunos e coordenação pedagógica. Desse modo, destacamos também a importância da família e da escola neste processo de desenvolvimento.

Trata-se de uma pesquisa com abordagem qualitativa para observar, descrever, e analisar a importância da participação da família no processo de ensino e aprendizagem escolar das crianças nos anos iniciais do ensino fundamental.

Segundo Goldemberg (2005, p. 14): *"Na pesquisa qualitativa a preocupação do pesquisador não é com a representatividade numérica do grupo pesquisado, mas*

com o aprofundamento da compreensão de um grupo social, de uma organização, de uma instituição, de uma trajetória [...]”.

Desta forma, a pesquisa foi desenvolvida através da aplicação de um questionário aberto direcionado aos sujeitos da pesquisa para verificar qual a participação da família na escola e como a escola interage com as famílias.

[...] para realizar a coleta de dados são diferentes na pesquisa qualitativa daqueles que são empregados na investigação quantitativa. Verdadeiramente, os questionários, entrevistas etc. São meios “neutros” que adquirem vida definida quando o pesquisador os ilumina com determinada teoria. Se aceitamos este ponto de vista, da “neutralidade” natural dos instrumentos de Coleta de Dados, é possível concluir que “todos” os meios que se usam na investigação quantitativa podem ser empregados também no enfoque qualitativo (TRIVIÑOS, 1987, p. 137).

A pesquisa foi realizada na Escola Municipal de Educação Infantil São João, no município de Abaetetuba/Pará, contando com 05 professoras, 01 diretora, 01 coordenadora pedagógica, 05 pais e 05 alunos. Nesse sentido, esse trabalho se limita a verificar, a partir da pesquisa de campo, como ocorre a aproximação da família com a escola, e se a mesma contribui para o processo de aprendizagem do aluno.

1 CONCEITO DE APRENDIZAGEM

Durante muitas décadas, profissionais da psicologia e da educação procuraram (e ainda investigam) por meio de muita pesquisa a maneira como o ser humano aprende. A cada descoberta surgiam discussões cada vez mais acirradas e cada pesquisador defende a sua visão, confrontando práticas e teorias. Com o passar dos anos surgiram diversas teorias que tentam explicar o processo de aprendizagem. Muitas dessas teorias, por mais amplamente sofisticadas e demonstrando uma base científica concreta, não muito ajudam pais e professores a resolver os problemas diários, como conseguir que um aluno aprenda a ler ou que saiba realizar contas de multiplicar e dividir, entre outros.

É importante ressaltar que a relevância dos educadores de todas as áreas em conhecer as teorias predominantes desenvolvidas por psicólogos da aprendizagem, para que possam atender a orientação do ensino atualmente nas escolas e optar por uma prática escolar que seja mais eficaz no auxílio ao aprendizado do aluno.

Diante do exposto, é necessário compreender o que é aprendizagem e como ela acontece. De acordo com Skinner (apud BARROS, 1998, p.28) “a aprendizagem é a conexão entre o estímulo e a resposta. Completada a aprendizagem, estímulo e resposta estão de tal modo unidos, que o aparecimento do estímulo evoca a resposta.” A aprendizagem é, contudo, uma ferramenta decorrente de uma comunicação com o mundo que se acumula como uma espécie de riqueza de conteúdos cognitivos. É um processo organizacional de conhecimentos, informações e integração do conteúdo pela estrutura cognitiva.

Para Barros (1998, p.45) “a aprendizagem é a modificação do comportamento e aquisição de hábitos.” O autor mostra que o psicólogo norte-americano Edward Lee Thorndike foi o primeiro a realizar pesquisas na área da psicologia da aprendizagem, destacando suas primeiras experiências no início de 1897 onde realizou com cães, macacos e gatos, observando o processo de aprendizagem destes animais e, posteriormente, em seres humanos.

De acordo com as teorias de Barros (1998, p.46), a aprendizagem pode ser caracterizada em casual e organizada. A aprendizagem casual é quase sempre espontânea, surge de forma natural, partindo da interação entre as pessoas e com o ambiente em que vivem, isto é, pela convivência social, pela observação de objetos e fatos, pelo contato com os meios de comunicação, leituras, conversas, as pessoas

vão acumulando experiências, adquirindo saberes, estabelecendo ideias, atitudes e convicções.

A aprendizagem organizada é aquela que tem por finalidade específica aprender determinados conhecimentos, habilidades, normas de convivência social. Embora isso possa ocorrer em vários lugares, é na escola que são organizadas as condições específicas para a transmissão e assimilação de conhecimentos e habilidades. Esta organização intencional, planejada e sistemática das finalidades e condições da aprendizagem escolar é tarefa específica do ensino (BARROS, 1998, p.64).

Dentro da aprendizagem organizada está aquilo que aprendemos na escola, um processo de assimilação de determinados conhecimentos e modos de ação física e mental, constituídos e orientados no processo de ensino. Os resultados da aprendizagem na escola se manifestam em alterações na atividade externa e interna do indivíduo, nas suas relações com o ambiente e a sociedade (BARROS, 1998, 62).

Estas são as principais considerações sobre a aprendizagem. Para que possamos compreender de forma mais ampla as suas significações é necessário conhecermos aspectos importantes das teorias da aprendizagem de Piaget e Vygotsky aqui delimitados para embasar esta pesquisa.

1.1 ESTUDOS DE PIAGET E VYGOTSKY SOBRE A APRENDIZAGEM

De acordo com Bock, Teixeira e Furtado (1999, p.87), Jean Piaget nasceu em Neuchâtel, na Suíça, no ano de 1896, falecendo em 1980. Sua obra é composta por mais de cinquenta livros e monografias, tendo publicado centenas de artigos. Suas pesquisas eram voltadas desde a evolução do pensamento até a adolescência, na busca por compreender os mecanismos mentais que o sujeito utiliza para captar o mundo. Como epistemólogo, Piaget investigou o processo de construção do conhecimento, sendo que nos últimos anos de sua vida dedicou suas pesquisas ao pensamento lógico-matemático. Partindo da observação cautelosa de seus próprios filhos e de muitas outras crianças, pôde concluir que em diversas questões decisivas as crianças não pensam da mesma forma que os adultos, devido ainda lhes faltarem determinadas habilidades, logo a maneira de pensar é diferente, não somente em grau, como em classe.

Ainda segundo Bock, Teixeira e Furtado (1999), Piaget criou os princípios para o desenvolvimento humano. A criança no processo de aprendizagem e de

descobertas se encontra na fase de perguntar o porquê de tudo o que vê a sua volta, e o adulto na insegurança de responder, insiste em dizer que é coisa de criança, ao invés de procurar responder as perguntas simples e significativas às crianças.

Segundo Piaget (1973, p.27), “a criança desenvolve seu conhecimento ao passo que se relaciona com o mundo externo. Durante seu crescimento a criança passa por momentos de adaptações com as novas situações.” O autor compreende assimilação como a internalização de elementos novos. As crianças tentam se apropriar de novas situações com as antigas já vivenciadas. O conhecimento é construído aos poucos e passa por um processo de maturação.

A estrutura do pensamento posterior depende da estrutura do pensamento anterior. Toda estrutura embora não visível tem um funcionamento. O processo de identificação da criança com o mundo depende da iniciativa da própria criança. Ao nascer, a criança não possui noção de diferença entre o eu e o mundo. A consciência dá início devido ao próprio egoísmo de construção. (BARROS, 1998. p.101)

Contudo, a função da inteligência será diferenciar objetos externos do próprio corpo, um processo que começa com o nascimento da criança.

A aprendizagem escolar é assim, um processo de assimilação de determinados conhecimentos e modos de ação física e mental, organizados e orientados no processo de ensino. Os resultados da aprendizagem se manifestam em modificações na atividade externa e interna do sujeito, nas suas relações com o ambiente físico e social. (JOSÉ; COELHO, 1999. p.11)

Desse modo, a teoria de Piaget propõe que as crianças desenvolvam padrões de pensamento, derivados da maturidade e em consonância com um padrão preestabelecido e um cronograma consideravelmente estável.

Para que o ser humano consiga compreender o mundo, é necessário que, desde criança, sejam desenvolvidos conceitos sobre cada classe de objetos ou eventos, agrupados com base nos elementos que possuem em comum, ou seja, a idéia que o indivíduo tem de cada elemento externo.

Segundo Piaget (1973, p.27) a maneira que o indivíduo é capaz de formar e lidar com conceitos se transforma durante os anos de vida. O autor afirma ainda que a criança passa por estágios (fases de vida) em idades determinadas e a velocidade de movimentação em cada fase é, basicamente, controlada por processos de maturação biológica que acontecem e são naturais em cada idade.

De acordo com Fontana (1991), os estágios são divididos em quatro: Sensório motor, Pré-operacional, Operações concretas e Operações formais. No

primeiro estágio, até 2 anos de idade aproximadamente, a criança não pensa antes de realizar uma ação, simplesmente a faz. No segundo estágio, aproximadamente dos 2 aos 7 anos de idade, a criança usa símbolos para significar suas ações e apresenta interesse especial pelo professor, passam ainda a empregar estruturas cognitivas como egocentrismo, centralização e irreversibilidade. No estágio de operações concretas, dos 7 aos 11 anos de idade, a criança ainda é limitada ao seu próprio pensamento e tende a descrever seu ambiente em vez de explicá-lo. Mas, seu pensamento progride consideravelmente durante este estágio. No último estágio, o das operações formais, dos 12 anos em diante, aproximadamente, ocorre o desenvolvimento das operações de raciocínio abstrato, o indivíduo torna-se capaz de pensar corretamente sobre conjecturas em que não crê e considera apenas hipóteses. É capaz de deduzir consequências, tendo o início de processos relacionados ao pensamento hipotético-dedutivos (FONTANA, 1991, p.55).

As idades cronológicas vinculadas aos estágios de desenvolvimento criados por Piaget são simples aproximações, pois o desenvolvimento da criança pode ser irregular, podendo atingir apenas parte de um pensamento associado a um determinado estágio antes de adquirir o restante. Ou podem regredir aos estágios anteriores. Por isso, os erros cometidos pelas crianças devem ser observados e analisados pelos professores diante da perspectiva de se fazer um retorno e investigar os motivos da ocorrência de tais falhas.

Segundo os estudos de Rappaport (1982, p.12), Lev Semyonovitch Vygotsky nasceu na Bielo Rússia, no dia 05 de novembro de 1896. Graduou-se em Direito pela Universidade de Moscou e, posteriormente, dedicou-se a pesquisa literária. Entre os anos de 1917 e 1923 atuou como professor e pesquisador no campo das artes, da literatura e da psicologia.

A partir de 1924, em Moscou, Vygotsky aprofundou suas investigações na área da psicologia, encaminhando-se para a educação de pessoas com deficiência. Entre os anos de 1925 e 1934, desenvolveu, juntamente com outros cientistas, estudos de Psicologia nas áreas que abrangiam as anormalidades físicas e mentais do indivíduo. Após concluir o curso de Medicina, foi convidado a dirigir o Departamento de Psicologia do Instituto Soviético de Medicina Experimental. Vygotsky faleceu em 11 de junho de 1934.

Para Vygotsky o ser humano se caracteriza por uma sociabilidade primária, um indivíduo geneticamente social (BARROS, 1998).

Na época de Vygotsky tal princípio não passava de uma hipótese meramente teórica. Porém, hoje, pode-se afirmar categoricamente que a tese de uma sociabilidade primária, e, em parte, geneticamente determinada, possui quase um regulamento de fato científico estabelecido como resultado da convergência de duas correntes de investigação: as investigações biológicas, como as relativas as funções que desempenha a sociabilidade na antropogênese; e as recentes investigações empíricas relacionadas ao desenvolvimento social da primeira infância que evidenciam amplamente a tese de uma sociabilidade primária e precoce.

A sociabilidade da criança é o ponto de partida das interações sociais com o meio que o rodeia. Os problemas de interesse da psicologia da interação social são atualmente bastante conhecidos e, por esse motivo, nos limitaremos aqui a mencionar brevemente algumas particularidades da concepção de Vygotsky. Por origem e por natureza o ser humano não pode existir nem experimentar o desenvolvimento próprio de sua espécie como uma ilha isolada, tem necessariamente seu prolongamento nos demais; de modo isolado não é um ser completo. (LANE, 1985. p.43)

Para que a criança tenha um pleno desenvolvimento principalmente na primeira infância, é primordial que haja interações assimétricas, ou seja, interações com os adultos que carreguem todas as mensagens de determinada cultura. Nesse tipo de interação a função fundamental corresponde aos signos, aos diferentes sistemas semióticos, que, sob um olhar genético, tem primeiramente uma função de comunicação individual: começam a ser usados como instrumentos de organização e de controle do comportamento individual (MAZARAKIS, 2004, p.52).

Este é exatamente o elemento fundamental da concepção que Vygotsky tem sobre a interação social: no processo de desenvolvimento desempenha função formadora e construtora.

Isso significa simplesmente que algumas das categorias de funções mentais superiores (atenção voluntária, memória lógica, pensamento verbal e conceitual, emoções complexas, etc.) não poderiam surgir e constituir-se no processo do desenvolvimento sem a contribuição construtora das interações sociais. (LANE, 1985. p.51).

Assim, tanto para Piaget como para Vygotsky o desenvolvimento do indivíduo é evolutivo e, nesse caminho, a imaginação se desenvolve naturalmente. Para Piaget os educadores que fazem a apreensão adequada da sua teoria são aqueles que têm incorporado como finalidade do desenvolvimento da criança. “A motivação de aprendizagem está na própria criança, ela só aprende quando consegue formar conceitos” (ALENCAR, 1992. p. 123).

1.2 ESCOLA E FAMÍLIA NA APRENDIZAGEM: FUNÇÕES DISTINTAS

A família e a escola devem estabelecer uma relação de parceria na educação da criança, sendo imprescindível para a formação como sujeito reflexivo.

Sabe-se que a família tem função importante no processo ensino e aprendizagem, pois nela a criança aprende os princípios e valores básicos que iniciam desde o nascimento.

Na educação, a família baseia-se no acompanhamento do desenvolvimento integral de seus filhos, participando das reuniões de pais e mestres, de algumas atividades culturais e sociais da escola, além de participar de eventos de datas comemorativas, onde tem a oportunidade de prestigiar o trabalho das crianças.

Quando se pensa em uma educação de qualidade, deve-se estabelecer uma parceria entre família e escola comprometida em todos os sentidos no processo educacional, onde a família precisa ter em mente que, ao participar da vida escolar de seu filho (aluno), estará contribuindo de maneira significativa também para sua vida social. Tal participação deve ser vista de forma mais ampla, pois está totalmente vinculada aos primeiros momentos, como na escola, local onde se formam os primeiros grupos sociais de uma criança.

Segundo Prado (1981, p. 12) “a família não é um simples fenômeno natural. Ela é uma instituição social variando através da história e apresenta formas e finalidades diversas numa mesma época e lugar, conforme o grupo social que esteja”. As famílias, em sua maioria, passam por várias dificuldades para educar seus filhos, pois muitas não conseguem acompanhar a vida escolar, jogando toda a responsabilidade para a escola. No entanto, se definir papéis de forma clara e objetiva, a escola não tem a responsabilidade de repassar conteúdos, pois tal função é da escola. Tal ponto de vista pode gerar conflitos e quem sofre as consequências são as crianças, por isso é fundamental repensar, definir e planejar estratégias, estabelecendo as funções de cada segmento, pois se ambas as partes colaborarem simultaneamente, o processo de aprendizagem torna-se eficaz e a criança aprenderá de forma mais rápida, sentindo-se mais seguro, tendo como apoio a escola e a família.

Na busca por um ensino de qualidade em comprometimento com o aluno, tanto a família quanto a escola devem estar em harmonia, pois a escola é uma instituição que complementa a família e, juntas, favorecem lugares agradáveis para

a convivência dos alunos. Diante disso, para atingir tal objetivo, a escola não deve existir sem a família e a família não consegue educar sem a escola, na qual os pais devem estar em sintonia com os professores, pois também convivem diariamente com seus filhos. Sendo assim, as instituições de ensino dependem uma da outra na expectativa de um futuro melhor.

Os pais devem estar cada vez mais atentos aos filhos, ao que eles falam ou fazem, enfim, as suas atitudes e comportamentos. E, apesar de ser difícil, a escola também precisa estar atenta aos alunos, a sua ausência, sua rebeldia, seu afastamento, recolhimento, choro, silêncio, fugas, notas baixas na escola, mudanças na maneira de se vestir, nos gestos e atitudes. Os pais devem estar perceptíveis aos filhos, muitas vezes, através do comportamento, estão tentando pedir ajuda, querendo dizer alguma coisa importante e, estes, na correria do dia-a-dia, nem prestam atenção àqueles pequenos detalhes. No entanto, precisa-se dar importância a essas atitudes, pois muitos problemas podem ser solucionados e todos são responsáveis nesse processo (SILVA, 2008, p. 125).

A parceria da família com a escola nesse estágio de acontecimentos se faz necessária, uma conversa franca entre professores e pais, reuniões simples, organizadas, onde os pais possam falar e expor sua opinião sobre os diversos assuntos é de grande valia na tentativa de entender melhor seus filhos (alunos).

Cada família tem um modo de pensar, de atuar e de viver com os filhos na escola e fora dela. Existem pais que vão até a escola e participam das atividades existentes para pais e filhos, procuram saber do desempenho de seus filhos nos trabalhos, se estão se saindo bem, participam de reuniões na escola, auxiliam nos deveres de casa, inclusive há pais que colocam os filhos em aulas de reforço particulares, tudo para que sua educação seja significativa e que venha contribuir para o desenvolvimento de sua aprendizagem.

Para Vygotsky (2001), a família é importante para a aprendizagem e o desenvolvimento vem de fora para dentro, logo, o papel da educação é o de adaptar a criança ao meio social, no qual terá que viver e agir. A criança aprende, se desenvolve e adquire sua linguagem e seu desenvolvimento através de atividades coletivas no meio social onde vive e da construção do real, ou seja, a criança se apropria de conhecimento no local onde vive e interage. Vygotsky (Apud Palangana 2001, p. 102) ressalta que “é preciso observar, no entanto, que a linguagem, tal como a consciência humana, nasce e se desenvolve a partir do e no processo de trabalho. Dessa forma, a linguagem é produto da atividade prática conjunta dos homens”.

O início da escolarização da criança é fundamental, porque é na escola que ela irá aprender com o professor, trabalhar seu pensamento lúdico e perceber a importância de fazer parte do ambiente escolar.

As relações entre contexto escolar e contexto familiar são fundamentais para o processo de ensino-aprendizagem, pois são nesses contextos que a família, juntamente com a escola, tem a função de desenvolver a sociabilidade, a afetividade e o bem estar físico e cognitivo do sujeito.

É no ambiente familiar e escolar que o indivíduo recebe influências para a base da formação moral, intelectual e para atuar na sociedade. Nesse sentido, é importante destacar que família e escola precisam estar articuladas para juntas propiciar uma parceria que favoreça a construção de uma identidade na qual os valores éticos, morais e culturais sejam respeitados e valorizados por todos.

A escola, como instituição de educação, tem a obrigação de trabalhar o coletivo sem discriminar as diferenças, ajudam os alunos a aprender que é preciso respeitar-se e respeitar o grupo, pois tanto a família quanto a escola são providas de diferenças que apresentam aspectos positivos e negativos.

De acordo com Alencar (1992, p. 92) “a família é a primeira instituição com que o indivíduo entra em contato em sua vida. Nesse sentido, ela exerce primordial importância no processo do desenvolvimento cognitivo-afetivo-social e moral da criança e do adolescente”. Todavia, a família tem maior responsabilidade na educação dos filhos, pois esta é o primeiro contato com o mundo. Dessa forma, a escola precisa conscientizar a família a participar da educação escolar da criança.

A escola, sendo um espaço público, e a família, um particular, ambas não devem entrar em confronto sobre a educação do filho/aluno, porém precisam estabelecer um consenso em relação ao aprendizado e a educação/ensino que irá proporcionar, pois, segundo Osório (1995):

O papel fundamental da escola é facilitar o processo de diferenciação e individualização da criança, ou seja, a escola deve oferecer a criança uma espécie de introdução à vida social, fora do âmbito doméstico. Fazendo, assim, com que essas crianças comecem a enfrentar, superar situações desconhecidas e relacionar-se com o mundo como ele é. A escola deve instruir as crianças para que estas possam fazer frente às exigências competitivas do mundo na luta pela sobrevivência (OSÓRIO, 1995, p. 81).

Escola e família são, pois, dois sistemas que interagem, uma não pode viver sem a outra, não se pode desconsiderar esta inter-relação, sob a circunstância de prejudicar o processo educativo e, conseqüentemente, a aprendizagem.

2 A IMPORTÂNCIA DA FAMÍLIA NA FORMAÇÃO DA CRIANÇA

A família desempenha função extremamente importante para o desenvolvimento e formação da criança, pois é através destas que se constroem adultos com autoestima elevada, capacidade de reflexão, de enfrentar desafios e assumir responsabilidades. A família deve assegurar a sobrevivência da prole, bem como seu crescimento saudável e sua socialização dentro dos comportamentos sociais de comunicação e convivência. Deve também oferecer afeto, motivar e estimular as crianças a fim de transformá-las em seres humanos capazes de manter relações competentes com o meio físico e social, assim como responder às exigências necessárias à sua adaptação na sociedade.

Atualmente, as famílias não encontram tempo para conviver e para se comunicar, pois conseguir tempo para ouvir e falar significa abdicar de muitas outras coisas que são, talvez, mais interessantes, mas que não são mais importantes. Diversas vezes, a falta de assunto juntamente com o stress diário aumenta o distanciamento entre os membros da família.

Certamente, os pais devem sempre fazer um esforço para que os filhos consigam iniciar um diálogo qualquer a fim de começar uma conversa e, conseqüentemente, estreitar os laços familiares, até porque, sempre haverá algo a se dizer, seja uma aventura no trabalho, uma atividade doméstica, um programa de televisão, o futebol, entre outros.

A verdade é que, segundo Rego (2002), não ignorando as necessidades que a sociedade atual impõe aos pais, e que eles próprios constroem, é primordial que se olhe para o avô como um adulto que tem uma vida, experiência e identidade própria que não pode ser subjugada em detrimento às necessidades da nova geração de pais. Os demais membros da família, como os avós, tios e parentes mais próximos também têm funções de extrema importância no desenvolvimento das crianças, seja contando histórias mais antigas ou apenas conversando com as crianças. Dessa mesma maneira, as crianças também deverão participar da vida dos adultos e enriquecer suas vidas com as aventuras curiosidades características da idade, pois aprender a dialogar em família é algo acessível a todos.

Contudo, as crianças aprendem de forma contínua por meio dos ensinamentos de seus pais, não apenas aquilo que estes lhes contam, mas também, sobretudo, através daquilo que presenciam, percebem a forma como atuam, como

lidam com os problemas do cotidiano. Em definitivo, as crianças observam e tendem a copiar as atitudes de seus pais diante das situações da vida.

A real educação pautada em valores é transmitida de geração em geração, de pai para filho, passando por diversas épocas, desde o dia do nascimento até ao final da vida. A família é a instituição mais privilegiada da educação, pois é em seu meio natural que o ser humano nasce e existe, se descobrindo e se despertando como pessoa. Além de tudo isso, a família exerce grande influência na integração escolar e no desenvolvimento dos filhos diante da constante evolução social.

2.1 O PROCESSO DE PARTICIPAÇÃO DA FAMÍLIA NA ESCOLA

A escola é uma instituição relativamente recente na história da humanidade. A nobreza europeia não queria que seus filhos se misturassem a crianças desconhecidas ou desprovidas de riqueza no espaço da escola, ela contratava sábios para servirem de tutores a fim de iniciarem seus filhos no mundo das artes e da ciência da época. A religião também tinha um papel importante na educação, já que os aspirantes à vida religiosa tinham acesso ao conhecimento formal, estando, dessa forma, aptos a ensinar. Com a ascensão da burguesia, os ricos comerciantes também exigiram o direito à educação formal para seus filhos, e os conhecimentos antes restritos aos “bem-nascidos” estenderam-se um pouco naquele mundo de estrutura social bem definida e pouco móvel (ARRUDA, 2000).

De acordo com Outeiral e Cerezer (2003, p. 51), “a instituição escolar somente surgiu como prática corrente por causa das exigências crescentes de um mundo cada vez mais industrializado.” A produtividade demandava trabalhadores mais bem preparados para operar máquinas, consertar engrenagens e entender de processos produtivos. Com isso, precisava-se de pessoas que dominassem minimamente os conhecimentos necessários nas fábricas. A popularização dos conhecimentos escolares, porém, não tirou da família sua função intransferível: a transmissão de valores morais e éticos.

Ao se observar a questão da participação dos pais na escola como fonte de ampliação do campo de aprendizagem do aluno, pode-se indagar: Será possível planejar e executar o processo de educação escolar independente da questão familiar? Como trazer a família para participar do processo ensino-aprendizagem na escola? O que fazer quando a família não colabora? E quando a escola não colabora?

Para Pereira (2000), todas estas questões merecem um tratamento cuidadoso, que leve em conta aspectos sociais, culturais e legais que ampliam e modificam esta relação. O estudo das relações entre família e escola denota que ao longo da história brasileira a família passou por diversas transformações importantes que relacionam-se com o contexto sócio-econômico-político do país. No Brasil-Colônia, marcado pelo trabalho escravo e pela produção rural para a exportação, identifica-se um modelo de família tradicional, extensa e patriarcal; onde os casamentos baseavam-se em interesses econômicos, que à mulher, era destinada a castidade, a fidelidade e a subserviência. Aos filhos, considerados extensão do patrimônio do patriarca, ao nascer dificilmente experimentavam o sabor do aconchego e da proteção materna, pois eram amamentados e cuidados pelas amas de leite.

Almeida (1987, p.96) salienta que, foi a partir das últimas décadas do século XIX, que se observou um novo modelo de família. A Proclamação da República, o fim do trabalho escravo, as novas práticas de sociabilidade com o início do processo de industrialização, urbanização e modernização do país constituem terreno fértil para a proliferação do modelo de família nuclear burguesa, originário da Europa. Trata-se de uma família constituída por pai, mães e poucos filhos.

O homem continua detentor da autoridade e "rei" do espaço público; enquanto a mulher assume uma nova posição: "rainha do lar", "rainha do espaço privado da casa". Desde cedo, a menina é educada para desempenhar seu papel de mãe e esposa, zelar pela educação dos filhos e pelos cuidados com o lar (ALMEIDA, 1987. p.22).

O fenômeno que se tem observado atualmente é, no mínimo, curioso. Por um lado, a escola reclama da ausência da família no acompanhamento do desempenho escolar da criança, da falta de pulso dos pais para dar limites aos filhos, da dificuldade que muitos deles encontram em transmitir valores éticos e morais importantíssimos para a convivência em sociedade. Por outro, a família reclama da excessiva cobrança da escola para que os pais se responsabilizem mais pela aprendizagem da criança, da ausência de um currículo mais voltado para a transmissão de valores e da preparação do aluno para os desafios não-acadêmicos da sociedade e do mundo do trabalho.

Nos últimos vinte anos, várias mudanças ocorridas no plano sócio-político-econômico relacionadas ao processo de globalização da economia capitalista vem interferindo na dinâmica e estrutura familiar e possibilitando mudanças em seu padrão tradicional de organização.

Conforme Pereira (1995, p.60), as mais evidentes são:

- Queda da taxa de fecundidade, devido ao acesso aos métodos contraceptivos e de esterilização;
- tendência de envelhecimento populacional;
- declínio do número de casamentos e aumento da dissolução dos vínculos matrimoniais constituídos, com crescimento das taxas de pessoas vivendo sozinhas;
- aumento da taxa de coabitações, o que permite que as crianças recebam outros valores;
- menos tradicionais;
- aumento do número de famílias chefiadas por uma só pessoa, principalmente por mulheres, que trabalham fora e têm menos tempo para cuidar da casa e dos filhos.

Contudo, tais mudanças não devem ser vistas como tendências negativas, muito menos, segundo Pereira (1995, p.65) como "idéia de crise, atualmente em evidência, pode ser enganosa". A aparente desorganização da família é um dos aspectos da reestruturação que ela vem sofrendo, a qual se, por um lado, pode causar problemas, pode, por outro, apresentar soluções. Trata-se, pois, de um processo contraditório que, ao mesmo tempo em que abala o sentimento de segurança das pessoas, com a falta ou diminuição da solidariedade familiar, proporciona também a possibilidade de emancipação de segmentos tradicionalmente aprisionados no espaço restritivo de muitas sociedades conjugais opressoras... Com ele, também, os papéis sociais atribuídos diferenciadamente ao homem e à mulher tendem a desaparecer não só no lar, mas também no trabalho, na rua, no lazer e em outras esferas da atividade humana.

Embora a cada momento histórico corresponda um modelo de família preponderante, ele não é único, ou seja, concomitante aos modelos dominantes de cada época, existiam outros, com menor expressão social, como é o caso das famílias africanas escravizadas. Além disso, o surgimento de uma tendência não eliminava imediatamente a outra, prova disto é que neste início de século podemos identificar a presença do homem patriarca, da mulher "rainha do lar" e da mulher trabalhadora. Assim, não se pode falar de família, mas de famílias, para que possamos tentar contemplar a diversidade de relações que convivem em nossa

sociedade. Outro aspecto a ser ressaltado, diz respeito ao significado social da família, qual a sua razão de existência?

Segundo Kaloustian (1988, p.30), a família é o lugar indispensável para a garantia da sobrevivência e da proteção integral dos filhos e demais membros, independentemente do arranjo familiar ou da forma como vêm se estruturando. É a família que propicia os aportes afetivos e, sobretudo, materiais necessários ao desenvolvimento e bem-estar dos seus componentes. Ela desempenha um papel decisivo na educação formal e informal, é em seu espaço que são absorvidos os valores éticos e humanitários, e onde se aprofundam os laços de solidariedade. É também em seu interior que se constroem as marcas entre as gerações e são observados valores culturais.

Gokhale (1980, p.80) acrescenta que a família não é somente o berço da cultura e a base da sociedade futura, mas é também o centro da vida social. A educação bem sucedida da criança na família é que vai servir de apoio à sua criatividade e ao seu comportamento produtivo quando for adulto. A família tem sido, é e será a influência mais poderosa para o desenvolvimento da personalidade e do caráter das pessoas.

2.2 A IMPORTÂNCIA DO CONSELHO ESCOLAR COMO MEDIADOR NA RELAÇÃO ENTRE FAMÍLIA E ESCOLA

A partir da efetivação do princípio da gestão democrática estabelecida na Constituição Federal de 1988, visando à ampliação da participação de diversos segmentos da escola, muito tem sido feito com o objetivo de promover e efetivar o seu funcionamento, sendo o conselho escolar ou equivalente um mecanismo fundamental criado para a sua concretização.

O Plano Nacional de Educação de 2001 (PNE/01) tem como uma de suas metas "promover a participação da comunidade na gestão das escolas, universalizando, em dois anos, a instituição de conselhos escolares ou órgãos equivalentes". Ou seja, de promover o conselho escolar como instrumento de democracia, tendo como principal incentivo do governo Federal o Programa Nacional de Fortalecimento dos Conselhos Escolares (PNFCE).

Tal programa foi lançado em 2004, sendo responsável pela sua execução a Secretaria de Educação Básica (SEB), tendo como objetivo fomentar a cooperação

do Ministério da Educação (MEC) juntamente com os sistemas estaduais e municipais de ensino, visando à implantação e o fortalecimento dos conselhos escolares nas escolas da rede pública de ensino.

O conselho escolar não pode ser visto apenas como em elemento figurativo dentro da escola. É importante ressaltar que, além de deliberar, o conselho é o responsável pelas informações dadas aos demais em relação às deliberações tomadas nas reuniões, se fazendo necessário à socialização das decisões, e orientações e encaminhamentos das ações. A escolha da democracia não é algo simples nem rápido, requer persistência e adequações às regulamentações.

Para que os integrantes dos conselhos sejam efetivados é preciso que os mesmos tenham consciência de sua posição e de seu papel como representantes de seus pares, bem como estar ciente do constante debate com os demais, algo que é de suma importância. Compreender o espaço escolar e trabalhar em favor da educação é comprometer-se, capacitar-se, realmente decidir, acompanhar e fiscalizar as ações realizadas na escola.

A formação para uma participação que signifique “ser parte, fazer parte e tomar parte”, três elos de uma concepção que vai muito além de meras consultas sobre eventuais temas que são apresentados aos pais dos alunos, ocorre no interior do amplo movimento que se deseja democrático na sociedade brasileira, nos limites da reforma do Estado e das novas demandas do capital transnacional que se impõem aos países como uma nova forma de colonização econômica (CONTI; SILVA, 2010, p. 60).

Toda ação de tomada de decisões realizada na escola deve contar com a presença de professores, coordenadores e o diretor, para que ocorram mudanças visando o aperfeiçoamento educacional. Desse modo, o conselho escolar deixa de acatar somente aquilo que já foi decidido, passando a fazer parte das deliberações, servindo como mais um órgão, garantindo a democracia e, em alguns casos exigidos, por lei exercendo a plena materialização de sua face democrática.

De acordo com Lück (2006, p. 66), o Conselho Escolar “[...] está centrado na maior participação dos pais na vida escolar, como condição fundamental para que a escola esteja integrada na comunidade, assim como a comunidade nela, que se constitui na base para a maior qualidade do ensino”.

A participação efetiva do Conselho Escolar nas tomadas de decisões dentro da escola é um aspecto que visa à gestão democrática, justamente porque é um órgão que representa a comunidade escolar e, assim, proporciona à construção de uma cultura de participação. Tal cultura de participação deve ser fomentada na

sociedade e, principalmente, no espaço escolar, a qual é fundamental para a construção democrática. Segundo Cunha (2005, p. 87), “para que o processo de participação popular possa estar refletindo em uma gestão participativa é necessário incorporar a mediação pedagógica [...]”.

O Conselho Escolar assume um papel muito importante e fundamental nas práticas escolares, pois agrupa diversos segmentos, tendo como foco discutir, orientar, refletir e acompanhar as atividades escolares propostas, justamente porque “[...] traz vozes diferentes e discordantes para dentro da escola, fazendo refletir sobre a heterogeneidade da comunidade escolar e do movimento da realidade”, assegura Marques (2007, p. 73).

Desta forma, o Conselho Escolar é tido como um órgão fundamental da escola que a auxiliará na tomada de decisões para que juntos, possam desenvolver trabalhos pautados numa perspectiva democrática e, assim sendo, com a total participação dos diversos segmentos que fazem parte da escola.

Segundo Luiz, Riscal e Junior (2013, p. 22) “os conselhos escolares são parte de um esforço que visa à implantação e implementação de processos de democratização das decisões nas escolas públicas, através da participação da comunidade escolar e local na vida da escola”.

Navarro (et al., 2010, p. 39) complementa que “os Conselhos Escolares contribuem decisivamente para a criação de um novo cotidiano escolar, no qual a escola e a comunidade se identificam imediatos, mas dos graves problemas sociais vividos na realidade brasileira.” Hora (1994, p. 57) ressalta ainda, que “[...] a criação do Conselho Escolar torna-se fundamental, pois o processo de discussão nas comunidades escolares implanta a ação com a co-responsabilidade de todos no processo educativo”.

Um aspecto importante sobre o Conselho escolar é que o mesmo deve ter como princípio “[...] nortear o dia a dia da escola, em suas relações cotidianas e na valorização das especificidades e singularidades do contexto histórico e social dessa instituição, de sua comunidade e de suas expectativas de futuro”, segundo Luiz, Riscal e Júnior (2013, p. 22). Com isso, o conselho escolar se constitui como uma significativa ligação entre a escola e a sociedade, promovendo articulações.

Neste sentido, a participação da comunidade da escola na sua gestão, tal como é prevista em lei, constitui um mecanismo que tem como finalidade não apenas a garantia da democratização do acesso e da permanência, com a finalidade de garantir a universalização do ensino, mas também a propagação de estratégias democratizantes e participativas que valorizem e

reconheçam a importância da diversidade política, social e cultural na vida local, regional ou nacional. (RISCAL, 2010, p. 29).

A partir destas considerações, compreende-se que o Conselho Escolar é um segmento imprescindível dentro da escola, principalmente porque, segundo Bitencourt e Flores (2014, p. 257), “uma das grandes responsabilidades dos conselhos é, em conjunto com os demais atores do processo educacional, construir uma escola cidadã, o que em última instância, significa cumprir com a função social da escola”.

Corroborando com os autores, Marques (2007) descreve que:

[...] a participação da comunidade escolar na gestão da escola fortaleceria a instituição de ensino, à medida que possibilita um comprometimento coletivo com os objetivos a serem atingidos, além de proporcionar a vinculação entre teoria e prática e a adequação aos objetivos educativos de interesse da maioria da população. (MARQUES, 2007, p. 73).

A efetiva participação de todos que fazem parte do cotidiano da escola é um fator de suma importância para o pleno desenvolvimento de uma cultura ética, política, reflexiva, democrática e cidadã, pois pratica o senso crítico de cada pessoa, tornando-a um ser integrante, ativo no processo de desenvolvimento das ações na escola, colaborando com projetos, atividades, sugestões e estratégias, assim como proporciona o engajamento na prática educativa escolar, algo que só pode ocorrer por meio de uma relação dialógica.

3 A PESQUISA EM FOCO

Neste capítulo discutiremos os dados da pesquisa, a concretização e a prática de nosso trabalho, pois o universo de nossas investigações nos deram fiéis e reais informações a nossa problemática central "Parceria escola e família: a importância da família no processo ensino-aprendizagem da criança".

A pesquisa em foco trata-se de um estudo de caso de uma escola rural da rede municipal de ensino de Abaetetuba. Assim, o estudo de caso:

Ao contrário da pesquisa documental e bibliográfica, esse procedimento é empírico. Isso significa que não se restringe apenas ao levantamento de informações teóricas, mas também de observações e experiências. Consiste em uma profunda investigação sobre algum aspecto específico de determinado tema (indivíduo, fenômeno, ambiente.). Os resultados obtidos com o estudo de caso não devem ser generalizadores. Ou seja, não podem ser usados para representar todos os indivíduos, mas sim apenas aqueles que foram diretamente investigados (GIL, 2008, p. 35).

O processo de organização e seleção dos dados utilizou-se de critérios que privilegiaram uma leitura e análise qualitativa das informações, de modo, que respondesse as inquietações específicas da problemática central. Segundo Fazenda (1997, p. 44), "... o processo de análise dos dados qualitativos é extremamente complexo, envolvendo procedimentos e decisões que não se limitam a um conjunto de regras a serem seguidas". Assim, para a manipulação e discussão dos dados optamos não identificar os entrevistados, já que este trabalho é uma iniciação científica e resguardar a identidade, deixar no anonimato as fontes de pesquisas acreditamos ser uma forma de conservar os dados e a fidedignidade das informações. Desta forma, as falas e depoimentos serão caracterizados por nomes fictícios, letras e números que identificarão as opiniões e os sujeitos da pesquisa. Assim classificamos:

Direção: D1

Coordenação Pedagógica: C1

Docentes: D1, D2, D3, D4, etc.

Pais: P1, P2, P3, etc.

Alunos: A1, A2, A3, A4, etc.

Ao refletir sobre as orientações que encaminharam este estudo, entendemos que quando o interesse crítico emancipador subsidia qualquer pesquisa, a atividade

intelectual reflexiva se organiza para desenvolver a crítica e alimentar a *práxis*¹ (teoria e prática), e esta poderá transformar o real e libertar o sujeito dos diferentes condicionamentos e situações em que possa estar inserido. O interesse emancipatório se insere nas correntes que buscam superar tanto o trabalho alienado como as relações de exploração do homem pelo homem. Nesse sentido, com base nos interesses que orientam a produção do conhecimento, podemos caracterizar o enfoque científico que iremos adotar nesta pesquisa como crítico-dialético.

O enfoque crítico-dialético², de acordo com Machado (1991), trata de apreender o fenômeno em seu trajeto histórico e em suas inter-relações com outros fenômenos. “Busca compreender os processos de transformação, suas contradições e suas potencialidades.” Para este enfoque o homem conhece para transformar e o conhecimento tem sentido quando revela as alienações, as opressões e as misérias da atual fase de desenvolvimento da humanidade; questiona criticamente os determinantes econômicos, sociais e históricos e procura revelar as contradições que potencializam a ação transformadora.

3.1 APLICAÇÃO DO QUESTIONÁRIO AOS SUJEITOS

Os questionários, disponíveis em anexo, foram utilizados com o objetivo de investigar sobre a parceria família e escola no processo educativo, analisando se o planejamento da escola contemplava sobre o fortalecimento da escola e da família, com ênfase às atribuições do conselho escolar.

Nesse sentido segue as análises dos resultados alcançados a partir da aplicação do instrumento utilizado.

3.2 ANÁLISE DOS DADOS COLETADOS NA ESCOLA

Após a descrição dos procedimentos metodológicos, partimos para as análises dos resultados alcançados, tendo como eixos para análise os objetivos da pesquisa, levando em consideração a relação teórico-prático que deve existir entre os dados reais da pesquisa e o referencial teórico trabalhado.

² A educação é, então, uma atividade humana partícipe da totalidade da organização social. Essa relação exige que se a considere como historicamente determinada por um modo de produção dominante [...] (CURY, 1985, p. 13). Para Konder (2006, p. 8), dialética é o modo de pensarmos as contradições da realidade, o modo de compreendermos a realidade como essencialmente contraditória e em permanente transformação.

Em seguida, apresentamos os resultados do instrumento utilizado (Questionário), que vieram revelar concepções, pensamentos e idéias relevantes sobre o fortalecimento da relação família e escola, dos sujeitos da instituição investigada.

3.3 DISCUSSÃO E RESULTADOS

Na análise dos resultados da pesquisa, ao consultarmos os professores quanto à participação da família no processo educacional dos alunos, os depoimentos abaixo refletem a opinião que é dada por cada profissional:

“Nem todas as famílias participam dos momentos oferecidos pela escola como: palestra, reunião, formação e outros”. D1

“A maioria dos pais são presentes na educação escolar de seus filhos, aqueles que dão apoio se preocupam, buscam informação com a professora sobre o desempenho de seus filhos na escola”. D2

“Algumas famílias participam, outras não”. D3

“Nem todos, pois alguns pais acreditam que só a escola se faz necessário para um bom desenvolvimento das crianças”. D4

“De acordo com minhas observações ao longo desses últimos anos, percebo que as famílias estão participando mais ativamente da educação escolar de seus filhos, porém ainda presenciamos alguns casos de negligência no que concerne a vida escolar da criança”. D5

Nessas circunstâncias, percebe-se o posicionamento dos profissionais investigados (professores) quanto à percepção da participação da família no processo educativo. Pois, para a maioria, a família ainda precisa ser mais atuante em sua contribuição nos processos de formação, pois, segundo muitos dos referenciais trabalhados, ainda é uma instituição social determinante nos processos de formação da personalidade da criança.

Em seguida, procuramos analisar se a dirigente escolar, em seu plano de gestão, contempla atividades socioeducativas que garantiam a participação da família na escola? Como respostas, tivemos os seguintes posicionamentos:

“Sim. Formação com os pais, atividades recreativas com as famílias entre outras”. D1

“Sim, são promovidos bimestralmente”. D2

“Sim, sempre faz tudo que está ao seu alcance para atrair e garantir a participação dos pais na escola”. D3

“Sim”. D4

“Sim, pois são realizadas constantemente formação para as famílias, com o objetivo de conscientizá-las sobre sua importância na vida escolar de seus filhos”. D5

Assim, foram unânimes as declarações dos professores quanto ao esforço da direção em promover a participação da família na escola, o que representa uma responsabilidade social de gestão da escola.

Outra questão de grande relevância nesta pesquisa foi verificar se na opinião do professor há algum entrave que dificulta a participação da família no processo educacional? As respostas foram inúmeras, com destaque para algumas.

Entraves segundo os Professores	
Falta de tempo dos pais devido à inserção no mercado de trabalho	10%
Desinteresse, falta de conscientização dos pais	20%
Ausência da Família, nas reuniões, nas atividades escolares	20%

Apesar do esforço coletivo da unidade educativa em promover a parceria da família com a escola, ainda há muitos desafios a serem superados em relação a participação da família no processo educacional, pois trata-se de uma parceria necessária, porém, são muitos os entraves a serem trabalhados no contexto escolar da unidade educativa pesquisada.

Sobre o Conselho Escolar, quando investigado se contribuía com alguma ação ativa que favorecesse a participação da família no processo educacional? Foi declarado pela categoria docente:

“Sim, pois o conselho escolar se faz presente nas ações da escola, nas reuniões prestando conta de como foi direcionado o recurso (PDDE), para o melhor desenvolvimento escolar”. D1

“Sim, todas as ações promovidas pela escola, o Conselho Escolar sempre está presente”. D2

“Sim, estão presentes em todas as ações da escola, principalmente nas quais exige a participação dos pais. O conselho sempre está incentivando os pais na participação, no processo educacional de seus filhos”. D3

“Sim, o próprio conselho é formado pelos pais dos próprios alunos”. D4

“O conselho escolar constantemente promove reuniões que visam expor os problemas enfrentados pela escola, sempre buscando soluções juntamente com as famílias”. D5

A informação sobre a atuação do conselho escolar é fundamental, proporcionar às famílias momentos de reflexão e discussão sobre temas e assuntos afins e que fazem parte do contexto escolar, é uma alternativa válida e um convite a família para refletir e analisar o contexto e as contradições sociais sob as quais está inserida a escola. Nesse sentido, um ambiente agradável, descontraído, com mensagem e discussões relevantes podem se transformar como uma excelente medida para atrair e garantir a participação da família na escola e uma excelente atuação do conselho escolar em uma perspectiva democrática.

Para finalizar em relação à categoria docente, procuramos investigar sobre que ações e projetos, poderiam ser desenvolvidos no contexto escolar que pudessem contribuir para a participação da família na escola? E se, os docentes participavam das atividades socioeducativas realizadas pela escola? Segue as respostas declaradas:

Declarações sobre as ações e projetos que 2º os docentes, favorecem a participação da família na escola.	Percentual de docentes que declararam que participam das atividades socioeducativas realizadas pela escola.
Projetos e ações fortalecendo a participação da família no Processo educativo.	100% dos entrevistados.
Promover reuniões em horários apropriados para os pais.	
Garantir a frequência dos pais obrigatória na escola, a exemplo do programa bolsa família, que obriga a criança na escola.	
Projeto de Formação para os pais, com temas que sensibilizem os pais sobre a importância da família na escola.	

Outra categoria importante na análise da relação família e escola foi a dos alunos. Com esta categoria, crianças na faixa etária de 03 e 04 anos, precisamos utilizar uma técnica de desenho e pintura, observação, para em seguida aplicar o questionário estruturado às crianças. Desta forma solicitamos às crianças que

desenhassem sua família e escrevesse do seu jeito o nome de cada membro da família.

Após este momento, entramos com a aplicação do questionário, com perguntas que variaram desde o nome da criança, com quem eles moravam, onde brincavam, como era a escola e se gostavam de estudar na referida escola, se gostavam da professora deles?

Do total de crianças entrevistadas, 100%, declararam que gostam da escola, das atividades desenvolvidas e das professoras, o que representa para nós pesquisadores da área da educação infantil, um aspecto analisado de forma satisfatória. Pois, o ambiente escolar precisa ser encantador, inovador, dinâmico e atrativo para a criança, assim como a relação afetiva estabelecida entre o(a) professor(a) e a criança.

Em relação aos pais, uma das categorias mais importantes em nossa análise, percebemos entre o número de responsáveis entrevistados, que há algumas dificuldades em algumas famílias participarem do planejamento da escola, na ajuda das atividades extracurricular e de reuniões na escola. Estas dificuldades ficaram evidentes nas declarações conforme a seguir: Em sua residência, você contribui para a realização de atividades escolares encaminhadas pelas escolas?

“Sinto muito dificuldade, pois não sou alfabetizada e por esse motivo sinto dificuldade em ajudar nas tarefas de casa, as vezes peço ajuda de outras pessoas ajudarem meu filho”. P1

“Sempre que posso ajudo, mas algumas vezes não acho tempo”. P2

“Difícil, não tenho tempo”. P3

Outra pergunta feita e que deixou evidente a fragilidade da família em poder contribuir com o tema em debate foi: Qual seria a sua proposta para contribuir com o fortalecimento da parceria entre a escola e a família?

“Interação” P1

“No momento não tenho nem uma proposta”. P2

“Chamar os pais e interagir com os pais”. P3

“Fazer um levantamento dos problemas que impedem as famílias de participarem na escola e ver a melhor maneira para solucionar”. P4

Daí, ressaltamos mais uma vez o empenho da escola em proporcionar momentos onde a família possa opinar, trocar experiências, pois percebemos que

eles (pais) demonstram vontade em conhecer e participar mais de perto dos processos educativos que envolvem seus filhos (ações educativas, desenvolvimento dos projetos, etc.). Contudo, o baixo nível instrucional, pouco conhecimento que detém quanto a formação do indivíduo, do processo educativo, os levam a serem displicentes em alguns casos com seus filhos e com a escola, porém isso deve ser entendido e trabalhado dentro de uma análise contextualizada e particular de cada vivência e práticas de vida familiar. Nessa linha de pensamento Szymansky (2002), enfatiza que:

O sentido dessa atuação é considerar as diferenças entre os ambientes educativos, conscientizar as famílias de baixa renda das condições esperadas pela escola, incorporar suas contribuições na educação formal, respeitar suas opções educacionais, apontar para danos que certas práticas educativas, em especial as que envolvem violência física e psicológica, podem trazer para o desenvolvimento dos filhos e apresentar a possibilidade de uma prática educativa dialógica, crítica e libertadora (SZYMANSKY, 2002, p. 94).

Assim, a escola como espaço de discussão, de socialização do conhecimento precisa estar aberta aos pais, à sua participação, pois é fundamental para o crescimento social e educacional do ser humano, assim como, para o fortalecimento da relação entre a família e a escola.

Em relação a Coordenação Pedagógica e Direção, o estudo revelou que ambos reconhecem e atuam no fortalecimento da família no processo educativo, promovendo projetos bimestralmente e ações que fortalecem e contribuem para a consolidação da relação entre a família e a escola. A seguir, registramos algumas declarações que ajudam-nos na análise.

Quando perguntamos: Dentro do planejamento da gestão e do plano de ação da coordenação pedagógica e da direção, há projeto (s) direcionado para a família?

“Sim, pois em todas as ações pela escola procuramos buscar a parceria família/escola. Vale lembrar do Projeto Ciranda da Leitura, onde a parceria da família é imprescindível para bons resultados, também a Parada Pedagógica que acontece 01 vez ao mês, envolvendo as famílias em ações como palestras, reuniões e outros. E ainda comemorações e reuniões com as famílias, assim como a parceria do posto de saúde do bairro, chamando as famílias para palestras, vacinas”. C1

“Sim, projetos pedagógicos, que duram conforme a problemática e formações bimestrais com temas diversificados”. D1

Outro aspecto relevante declarado por ambos profissionais (Direção e Coordenação Pedagógica) foi o da perspectiva pela qual analisam a participação da

família no processo educacional dos alunos. Foi declarado pela direção e coordenação pedagógica que a participação da família é boa, ressaltando-se que muitos pais ainda enfrentam a dificuldade no trabalho para estarem mais atuantes e presentes na educação escolar de seus filhos.

Nesse sentido, no que se referem à participação da família no espaço escolar e no acompanhamento da educação e dos processos ensino aprendizagem do discente, todos os pais foram unânimes em seu posicionamento, ao reconhecerem o quanto é essencial sua presença na escola. Contudo, essa participação só não se dá de forma efetiva, em virtude, das condições de vida por quais passam – trabalham fora, afazeres domésticos, doenças, - o que dificulta em parte o trabalho de socialização e processo educativo para alguns.

Cabe à escola em seus processos de formação e planejamento, estabelecer metas, ações e estratégias que contribuam nesse sentido, fortalecendo a parceria entre a escola e a família.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A compreensão e estudo da "Parceria escola e família: a importância da família no processo ensino-aprendizagem da criança" exige de nós, enquanto pesquisadores, uma postura cuidadosa e cada vez mais aprofundada. A escola na atual conjuntura, na dinâmica sócio-econômico-cultural não pode ser entendida como uma instituição neutra, desvinculada da história e das relações do homem com a sociedade. Mas, a necessidade de uma interpretação da sua organização, enquanto espaço de socialização e formação do ser humano, a partir de seu contexto e realidade de vida.

Desta forma, tivemos a preocupação em traçar neste trabalho discussões e análises da função social da escola, com ênfase na parceria família e escola no processo educativo, analisando se o planejamento da escola contemplava sobre o fortalecimento da escola e da família, com ênfase às atribuições do conselho escolar.

A análise do universo da pesquisa nos possibilitou entender que na pretensão de fortalecer a parceria entre a família e a escola, há algumas questões que precisam ser prioridades nesse processo, como por exemplo, a sensibilização de alguns pais; a necessidade de formação continuada para os pais, declaradas por 100% dos professores.

Essa pesquisa nos levou a concluir que na dinamicidade das práticas escolares, os docentes são agentes históricos, profissionais com uma grande responsabilidade social, que devem constantemente estar em busca de formação continuada, como verdadeiros pesquisadores e estudiosos, o que deverá contribuir para fortalecer a participação da família no processo educacional dos alunos.

Em relação às famílias que contribuíram com esta pesquisa através de suas falas e argumentações, fica evidente que a família como primeira instituição social responsável pelo desenvolvimento educacional do discente, precisa do apoio da escola no sentido de intensificar uma proposta de trabalho que privilegie as necessidades e particularidades dos grupos familiares em sua maior parte, uma vez que somos cientes do pouco acesso às informações, da carência cultural em que vivem, o que influencia na formação sócio-psíquica-educacional do discente.

Daí, a importância da escola viabilizar meios que possam auxiliar os diferentes universos: pais, discentes, professores, etc., como proposta de trabalho para a efetiva integração da família na escola.

Ressaltamos, que a família ao entrar em contato com a escola, ainda desconhece em muito a proposta de ensino, as relações que são estabelecidas, o cotidiano da sala de aula, a proposta curricular. É uma realidade totalmente diferente da qual vive, o espaço escolar é carregado da ideologia e da cultura dominante. Assim, a família vê-se indiferente por não adequar-se aos padrões desejáveis, sentindo alheia a proposta de trabalho e ensino que a escola promove. A análise aqui realizada é que todos os elementos do processo educativo da escola sejam envolvidos na construção do seu projeto político-pedagógico, assegurando que seu currículo seja gestado pela comunidade escolar, "... em permanente diálogo para que se articulem os elementos de organização interna com os aspectos externos da sociedade, da cultura e da própria história, imprimindo sentido às ações desenvolvidas". E tendo o Conselho Escolar, como um órgão colegiado que coloque em prática as funções consultiva, fiscalizadora e deliberativa.

Nas investigações realizadas com os discentes, percebemos que a maioria sente-se pertencente ao espaço escolar, declarando que gostam da escola e fazem amizades. Trata-se de um aspecto relevante, pois o sentido de pertencimento das crianças nas escolas é um fator importante na consolidação da parceria entre a escola e as famílias.

Conclui-se que a partir da realização desta pesquisa, percebemos avanços significativos para a comunidade escolar, onde tais avanços proporcionam um diferencial na educação da escola pesquisada, tais como: Organização da escola e da gestão na transparência dos recursos financeiros, através da participação ativa do conselho escolar; Esforço da Direção e Professores no fortalecimento da Família Escola; Perspectivas de Projetos e Ações que busquem aproximar a família da escola; Contemplação de atividades socioeducativas que busquem garantir a participação da família na escola.

Portanto, a relevância social desta pesquisa está na perspectiva de poder contribuir na construção coletiva de políticas educacionais democráticas na educação pública paraense, em especial, sobre o fortalecimento da relação entre a família e a escola, a partir da concepção de alunos, pais, professores, direção, etc.

REFERÊNCIAS

ALENCAR, Eunice Soriano. **Novas Contribuições da Psicologia aos Processos de Ensino-Aprendizagem**. São Paulo: Ed. Cortez, 1992.

BARROS, Célia Silva Guimarães. **Pontos da Psicologia Escolar**. 5ª ed. São Paulo: Ática, 1998.

BITENCOURT, Alcina Jacil Alves; FLORES, Maria Luiza Rodrigues. Desafios para a efetivação de uma experiência de gestão democrática no cotidiano escolar. *In*: SILVA, Maria Beatriz Gomes; FLORES, Maria Luiza Rodrigues (Orgs.). **Formação a Distância para Gestores da Educação Básica**: olhares sobre uma experiência no Rio Grande do Sul. Porto Alegre: Evangraf, 2014.

BOCK, Ana Mercês Bahia; TEIXEIRA, Maria de Lourdes Trassi; FURTADO, Odair. **Psicologias**: uma introdução ao estudo da Psicologia. São Paulo: Saraiva, 1999.

CONTI, Celso; SILVA, Flávio Caetano da. Conselho escolar: alguns pressupostos teóricos. *In*: LUIZ, Maria Cecília (Org.). **Conselho escolar**: algumas concepções propostas de ação. São Paulo: Xamã, 2010.

CUNHA, Elisabete Darci. **Gestão municipal participativa e o papel da escola**. São Paulo: Annablume, 2005.

CURY, Augusto. **Pais brilhantes, professores fascinantes**. 21ª ed. Rio de Janeiro: Sextante, 2003.

DAVIS, Don; *et al.* **As Escolas e As Famílias em Portugal**: Realidade e Perspectivas. Lisboa: Edições Livros Horizonte, 1989.

GIDDENS, Anthony. **Sociologia**. Porto Alegre: Artmed, 2005.

GIL, A. C. **Método e técnicas de pesquisa social**. 6ª. ed. São Paulo: Atlas S.A, 2008.

GOLDENBERG, Miriam. **A arte de pesquisar**. Rio de Janeiro: Record, 2005.

HORA, Dinair Leal da. **Gestão democrática na escola**: Artes e ofícios de participação coletiva. São Paulo: Papirus, 1994.

JOSÉ, Elisabete da Assunção. COELHO, Maria Tereza. **Problemas de Aprendizagem**. 11ª ed. São Paulo: Ática, 1999.

KNOBEL, Maurício. **Orientação familiar**. Campinas: Papirus, 1992.

LANE, Silvia T. Maurer. **O que é Psicologia Social**. Coleção primeiros passos. São Paulo: Nova Cultural. Brasiliense, 1985.

LÜCK, Heloisa. **Concepções e processos democráticos de gestão educacional**. Rio de Janeiro: Vozes, 2006.

LUIZ, Maria Cecília; RISCAL, Sandra Aparecida; JÚNIOR, José Roberto Ribeiro. Conselhos escolares e a valorização da diversidade: uma dimensão mais democrática na escola. In: LUIZ, Maria Cecília; NASCENTE, Renata Maria Moschen (Orgs.). **Conselho escolar e diversidade: por uma escola mais democrática**. São Paulo: EdUFSCar, 2013. P. 21-40.

MARQUES, Luciana Rosa. **A descentralização da gestão escolar e a formação de uma cultura democrática nas escolas públicas**. Recife: Universitária da UFPE, 2007.

MAZARAKIS, Renata Rocha. **Aprendizagem sem Fronteiras**. Nova Escola, maio, 2004.

NAVARRO, Ignez Pinto et al. **Conselho escolar e a aprendizagem na escola**. Brasília: MEC, SEB, 2004.

OSÓRIO, Luiz Carlos. **Família hoje**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

PALANGANA, Isilda Campaner. **Desenvolvimento e aprendizagem em Piaget e Vygotsky: a relevância do social**. São Paulo: Summus, 2001.

PAROLIN, Isabel. **As dificuldades de aprendizagem e as relações familiares**. Livro da 5ª Jornada de Educação do Norte e Nordeste. Fortaleza, 2003.

PIAGET, Jean. **Psicologia e Epistemologia**. Rio de Janeiro: Forense, 1973.

_____. **Pontos da Psicologia do Desenvolvimento**. 10 ed. São Paulo: Ática, 1997.

_____. **Professores, Famílias e Projeto Educativo**. São Paulo: Asa, 2000.

PRADO, Danda. **O que é família**. 1ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1981. (Coleção primeiros passos).

RAPPAPORT, Clara; *et al.* **Teorias do desenvolvimento: conceitos fundamentais**. São Paulo: EPU, 1981. (Capítulo 2, Modelo Psicanalítico).

RISCAL, Sandra Aparecida. Considerações sobre o conselho escolar e seu papel mediador e conciliador. In: LUIZ, Maria Cecília (Orgs.). **Conselho escolar: algumas concepções e propostas de ação**. São Paulo: Xamã, 2010. P.23-45.

SILVA, Sonia das Graças Oliveira. **A relação Família/Escola**. Disponível em <http://www.artigona.com/ciência-artigos/a-relação-famíliaescola-477589.htm>. Acesso em 16 jan. 2018.

VYGOTSKY, Lev Semenovich. **Psicologia pedagógica**. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

APÊNDICE I



**SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
PRÓ-REITORIA DE ENSINO DE GRADUAÇÃO
PLANO NACIONAL DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES FA EDUCAÇÃO
BÁSICA - PARFOR
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA**

Roteiro do questionário para os Professores

Código de identificação na Pesquisa: _____ (preenchido pelo pesquisador)

1 – Qual seu nome completo?

2 – Qual sua Idade?

3 – Qual sua Escolaridade?

4 – A quantos anos você trabalha na área da educação?

5 – Na sua opinião, a família participa da educação escolar dos alunos?

6 – A dirigente escolar, em seu plano de gestão, contempla atividades socioeducativas que garantam a participação da família na escola?

7 – Na sua opinião, há algum entrave que dificulta a participação da família no processo educacional?

8 – O Conselho Escolar contribui com alguma ação ativa que favoreça a participação da família no processo educacional?

9- Na sua opinião, que ações e projetos, podem ser desenvolvidos no contexto escolar que possa contribuir para a participação da família na escola?

10 – Você participa das atividades socioeducativas realizadas pela escola?